

RESENHAS

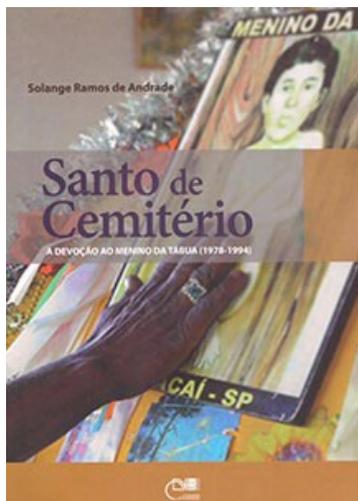
DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i27.34612>

ANDRADE, Solange Ramos de. *Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua* (1978-1994). Maringá/PR: Eduem, 2015. 142 p.

Recebido em 30/11/2016 - Aprovado em 15/12/2016

O Menino da Tábua

Carolina Cleópatra da Silva Imediato ¹



Na década de 1980, com o advento da Nova História, assim chamada na época, houve uma grande expansão do campo de análise do historiador, tanto no que tange às fontes utilizáveis, quanto às temáticas que podem ser objeto de estudo. Temas que antes eram objetos de pesquisa apenas de sociólogos e antropólogos passaram a ser objeto de reflexão histórica. Essa mudança no campo de pesquisa historiográfico possibilitou o estudo de temas contemporâneos, tais como os fenômenos religiosos. E é justamente nessa perspectiva que se insere o livro *Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua* (1978-1994).

A obra em destaque é resultado da dissertação de mestrado da Prof. Dra. Solange Ramos de Andrade² e foi publicado em 2015 pela editora da Universidade Estadual de Maringá. A autora busca analisar, ao longo

¹ Mestranda em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada no curso de Direito pela mesma instituição. Pós-graduada lato sensu em Ciências Penais pela UEM. Integrante do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades na Universidade Estadual de Maringá (LERR - UEM). E-mail: carolinaimediato@hotmail.com.

² Solange Ramos de Andrade é professora associada da Universidade Estadual de Maringá e bolsista produtividade da Fundação Araucária - PR. Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1985), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994) e doutorado em História pela

das 142 páginas que compõe o livro, o culto ao Menino da Tábua, realizado no cemitério da cidade de Maracá, interior do Estado de São Paulo.

A obra *Santo de cemitério: a devoção ao menino da tábua* (1978-1994) foi prefaciada pela Dra. Ivana Guilherme Simili, professora associada da Universidade Estadual de Maringá e pós-doutoranda pela Università Iuav di Venezia, a qual apresenta com maestria poética a obra que considera ser a “carteira de identidade profissional” da autora.

Na introdução, Andrade (2015) justifica a escolha do objeto e das fontes, situando sua pesquisa no campo da História das mentalidades, fundamentando sua opção a partir do pensamento de Le Goff.

Importante enfatizar que a obra se propõe responder problemas como qual a motivação dessa devoção, bem como se essa manifestação traduz passividade ou resistência e como se deu o processo de santificação de Antonio Marcelino, o Menino da Tábua.

Em seguida, o livro que é dividido em cinco partes, inicia sua discussão situando o leitor acerca do conceito de religiosidade popular, explicitando a dificuldade em defini-lo, uma vez que se trata de uma expressão polissêmica. É prontamente afastada a visão de que a religiosidade popular seja uma manifestação de credence, superstição ou manifestação distorcida da religiosidade popular. Com isso, a historiadora enumera ainda algumas outras concepções existentes sobre religiosidade popular e adota, por fim, como sendo uma “manifestação que permite ao fiel entrar em contato com o transcendente, procurando resolver os problemas que o afligem em sua vida diária” (ANDRADE, 2015, p. 31). Essa religiosidade, segundo a autora, valoriza o aspecto sagrado do ser humano e não é, de forma alguma, uma versão empobrecida da religião oficial.

Ressalta-se que o termo “popular” não é utilizado pela autora no sentido de homogeneizar a manifestação religiosa como sendo manifestação de “grupo de baixa renda” ou de excluídos. A visão de religião popular é utilizada para diferenciá-la da postura oficial da Igreja. Inclusive, mais à frente a pesquisa demonstra que o culto ao Menino da Tábua abrange diversas classes sociais.

Em relação às fontes, Andrade (2015) as especifica ainda na primeira parte do livro, justificando os seus usos. As fontes principais eleitas foram entrevistas com pessoas que conheceram o santo ou que entraram em contato com sua história e notícias de jornais que circularam no período compreendido entre 1978 a 1993, dentre eles: *A Gazeta de Assis*, *Voz da Terra*, *O Diário*, *O Imparcial* e *A Gazeta do Vale*. A historiadora utiliza, subsidiariamente, os Relatórios da Secretaria de Assistência Social do Município de Maracá, o livro de Cláudio Junior Ribeiro, narrativa vendida para os romeiros, e a ação judicial que a família de Antonio Marcelino moveu em face do Município de Maracá e do ex-prefeito Elifaz Demane, presidente da Creche Maria Emília de Jesus na época.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Coordenadora do GT Nacional da ANPUH - História das Religiões e das Religiosidades.

Na segunda parte do livro, narra-se a história de vida de Antonio Marcelino, o Menino da Tábua e como se deu o processo de formação do santo, bem como se aponta a cidade de Maracaí como sendo o pólo das romarias.

Antonio Marcelino nasceu em Candido Mota, mas morou lá apenas nos primeiros anos de vida. Seus pais eram Sebastião Rodrigues de Oliveira e Geraldina Maria de Jesus e possuía nove irmãos. Antonio Marcelino faleceu no dia 31 de agosto de 1945, sendo incerta a data de seu nascimento. Algumas narrativas dão conta de que Marcelino teria vivido 20 anos, porém o seu irmão Benedito alega que o mesmo viveu até os 30, já a certidão de óbito aponta 45 anos de idade quando de sua morte. O consenso dentre os relatos diz respeito ao modo de vida de Marcelino, o qual vivia em cima de uma tábua e nu, alimentando-se apenas de água e leite. Marcelino possuía um estado físico muito frágil, decorrente de uma doença que não lhe permitia o crescimento, assim, embora Marcelino fosse adulto, possuía corpo de criança e continuou sendo visto como tal. Era considerado um ‘anjo’ e por isso recebia muitas visitas. A fama do Menino da Tábua cresceu na região e ele passou a ser considerado milagreiro. Com isso, o menino milagreiro passou a receber muitas doações, com as quais a família, muito pobre, conseguiu prover sua subsistência.

O Menino da Tábua é concebido como santo porque sua história é revestida de narrativas mitológicas. Assim, pouco importa a veracidade dessas narrativas, sendo o surgimento do mito o fato mais importante, conforme explica a autora quando cita Mircea Eliade. Andrade (2015) aponta, outrossi, como algumas das causas possíveis da santidade de Marcelino a sua fragilidade corporal e a alimentação frugal, os quais rememoram os sacrifícios auto-infligidos pelos cristãos no período medieval, que, por sua vez, assim o faziam, a fim de viver o martírio de Cristo e alcançar a pureza do corpo e da alma. Frisa-se que a “idéia de que o sofrimento purifica vem desde as religiões pagãs e foi absorvida pelo cristianismo para justificar determinada situação social” (ANDRADE, 2015, p. 39).

A historiadora ressalta que os desencontros das narrativas é um indício da vitalidade da permanência do santo no imaginário dos romeiros. Outro ponto de preservação da memória do santo são as notícias veiculadas nos jornais locais, os quais relembram o mito no Dia dos finados e também às vésperas do dia do santo, que no caso de Marcelino é comemorado sempre no último domingo de agosto, próximo do aniversário de sua morte.

No capítulo seguinte, Andrade (2015) aborda a fundação do Santo, apontando os anos de 1978 e 1979 como início das grandes romarias. Nesse período, o prefeito era Elifaz Demane da ARENA, que estava habitualmente nos jornais em contato com o governador do Estado, também da ARENA. Em 1979, com a assunção de Paulo Salim Maluf no governo paulista, as relações do prefeito com o governo se estreitaram ainda mais, possibilitando a realização de várias obras na cidade de Maracaí, incluindo a Capela para o Menino da Tábua, conforme destacado, em 1981, pelo jornal *A Gazeta de Assis*.

Um acontecimento marcante para o processo de formação do Santo, ao que tudo indica, foi o lançamento de uma música sertaneja em 1978 pela dupla Pardinho e Pardal intitulada *O Menino da Tábua*. A música foi escrita por Mairiporã, antigo morador

de Maracá. Foi depois desse sucesso musical que os jornais da região buscaram conhecer a história do santo e a divulgarem, surgindo ainda, após, mais cinco músicas sobre o tema.

Entre os anos de 1978 e 1979 a cidade melhorou sua infra-estrutura, a fim de receber o grande número de romeiros e é nesse período também que ocorrem os dois milagres principais: ‘o milagre da bicicleta’, referente à cura de um menino paraplégico e o milagre de cura da enfermeira com câncer.

Os ex-votos depositados no túmulo do santo eram bicicletas, alimentos, brinquedos, roupas, velas, fotografias, dentre muitos outros, conforme relatado pela historiadora.

A postura dos eclesiásticos em relação ao culto do Menino da Tábua se mostrou reservada, embora se admitisse os benefícios da crença, a Igreja não reconhecia a existência da santidade ou dos milagres, sendo que os agradecimentos na forma de depósito de alimentos e objetos no túmulo incomodavam o pároco, conforme entrevistas realizadas pelo jornal *Voz da Terra* e publicado em 17 de setembro de 1978.

Andrade (2015) recorda que, o movimento crescente na região do cemitério da cidade, em decorrência das romarias e cultos realizados ao Menino da Tábua, fomentou a economia da cidade, expandindo o comércio próximo do cemitério, gerando emprego e renda para o Município.

O quarto capítulo abrange a década de 1980 e destaca o ponto alto da festa do santo, isto é, a romaria. Nesse período foram publicados trinta artigos sobre as romarias em Maracá e sobre o santo. Andrade (2015) aponta vários jornais que abordaram a temática e considera o ano de 1980 como sendo continuação do período anterior. Nessa década, surgem pessoas que benzam e rezam em nome do santo, a historiadora cita como exemplo o caso da senhora Aparecida Damaceno. Outro ponto relevante é o número crescente de crianças batizadas com o nome de ‘Marcelino’. Ressalta que no ano de 1984 já se notava uma sensível diminuição na quantidade de notícias sobre o santo, voltando a surgir no cenário jornalístico quando do advento da novela *Roque Santeiro* em 1986.

Andrade (2015) explica que a romaria é importante para o fiel, na medida em que é através dela que se paga uma promessa ou se agradece uma graça recebida. Isso se dá porque o caminhar é sagrado, é um sacrifício, o devoto sacrifica o seu dia de descanso e a convivência com a família, às vezes viaja após um exaustivo dia de trabalho, quanto mais longe o local sagrado, maior o sacrifício da peregrinação. A historiadora se apóia em Dupront, em Eliade e em outros autores para esclarecer que o deslocamento do devoto rompe o tempo e o espaço cotidiano e lança o romeiro a uma prova espiritual, levando-o para um espaço sagrado, onde terá contato com o divino.

O santuário do Menino da Tábua, de acordo com Andrade (2015), é a Capela, onde são encontrados os altares, o túmulo e a sala dos milagres – local onde se costuma depositar ex-votos, pedidos e agradecimentos. A historiadora frisa que os demais túmulos não existem para os romeiros, já que muitos caminham sobre eles ou simplesmente os saltam durante a caminhada. Os dias de romaria são organizados pelo Município, que disponibiliza funcionários uniformizados para organizar as filas, fiscalizar ambulantes e registrar ônibus que chegam de excursão.

No último capítulo, referente à década de 1990, Andrade (2015) analisa os dados obtidos através das entrevistas, bem como os relatórios municipais e discorre acerca do processo judicial movido pela família de Antonio Marcelino.

Com a ação judicial, o Menino da Tábua volta a ser notícia nos jornais locais. A família passa a questionar o uso das doações realizadas em dinheiro e *in natura*, exigindo judicialmente informações acerca do emprego desses donativos. A princípio os jornais passaram a idéia de que a família estava interessada em receber essa arrecadação, a família, ao seu turno, negou interesse econômico e exigiu a cessação do uso da imagem de Antonio Marcelino. Entre ameaças de remover os restos mortais do santo para o cemitério de Assis-SP e pedidos liminares, a família e o Município chegaram a um acordo: a família receberia periodicamente informações a respeito das doações recebidas e as respectivas destinações, sendo que as doações em dinheiro seriam imediatamente revertidas em favor da creche Maria Emilia de Jesus.

De acordo com os relatórios municipais, Andrade (2015) observou que a maior parte dos visitantes é dos estados de São Paulo e Paraná, sendo que é possível estimar que de ônibus chegaram nos anos de 1993 e 1994, respectivamente, 5.940 romeiros e 6.133 romeiros. Esses dados não incluem os fiéis que chegam de carro particular ou vans, sendo que os jornais estimam um número muito maior, em torno de 13 mil e 15 mil.

Em relação ao perfil do romeiro, traçado através da realização de cem entrevistas no domingo do dia 30/08/1994, a historiadora constatou que pessoas de diversas profissões procuram o santo, incluindo comerciantes, empresário, dentistas, dentre outros. Dessa forma, não se trata de manifestação religiosa restrita aos estratos sociais mais pobres. Outro dado importante é de que 55% dos entrevistados estavam visitando o santo pela segunda vez ou mais.

A autora, em suas considerações finais, retoma aspectos importantes do nascimento do Santo e de seu culto, frisando os aspectos políticos e econômicos do fenômeno, frisando, ainda, que a obra em questão não pretende esgotar a discussão acerca dos santos populares.